

# William Wordsworth – Versos

Não, Viajante, descansa! Este teixo  
À parte está dos homens: e que tem  
Que aqui regato algum se estenda à erva  
E que a abelha aborreça estéreis galhos?  
Porém, se a aragem for gentil, as ondas,  
Que quebram contra a costa, hão-de embalar-te  
Com um doce impulso a salvo do ócio.  
Quem juntou  
Estas pedras e com musgoso céspede  
As untou, e ensinou ao velho lenho  
A formar com os braços um recesso,  
Desse hei-de recordar-me. – Dono de alma  
Invulgar. Educado em ciência,  
E guiado por natura a sítios ermos  
De altas esperanças, ele ao mundo foi  
Um Ser agraciado, sem desejos  
Que o espírito execra; contra a mácula  
De línguas dissolutas, ciúme e ódio,  
E escárnio, – armado contra inimigos,  
Contra tudo menos desdém. O mundo  
Não lhe deu serventia; só razões  
E indignação p'ra se afastar de súbito,  
E a orgulho nutriu a sua alma  
Em solidão. – Estrangeiro! os ramos tristes  
Chamavam-no; e aqui vinha sentar-se,  
Suas visitas ovelhas perdidas,  
O cartaxo, ou o oblíquo maçarico:  
E nestas pedras estéreis, salpicadas  
Com fetos, urze, cardos e juníperos,  
Fixando o olhar baixo, ele, de horas mórbidas  
Desfrutou, neste sítio desenhando  
Um emblema prà sua vida estéril:  
E, erguendo a cabeça, contemplaria  
As paisagens remotas, – quão amáveis

Visões, – contemplaria até que fosse  
Muito mais, e o seu peito transbordasse  
De beleza, 'inda mais bela! Nem quando  
À natureza ele já submisso,  
Esqueceria os Seres a cujas mentes,  
Cheias com obras de benevolência,  
O mundo, a vida humana, aparentassem  
Doçura igual: então suspiraria  
No imo inquieto, pensar que outros sentiam  
O que ele não devia: homem perdido!  
Em visões nutriria a fantasia  
Até vir-lhe água viva aos olhos. Foi-se.  
Este vale enterrou-o, – eis o marco.  
Se o teu coração as formas sagradas  
Da imaginação jovem conservaram,  
Estranho! sê avisado; pois o orgulho,  
Conquanto disfarçado no seu muito,  
É pouco; que aquele que despreza  
Qualquer ser vivo, possui faculdades  
Que nunca experimentou; que o pensamento  
Está na infância. O homem cujo olhar  
Está sempre nele próprio olha a menor  
Das obras naturais, quem levaria  
O sábio ao escárnio que a sabedoria  
Crê ilícita, sempre. Oh, sê tu Sábio!  
Ciente que o saber leva ao amor;  
A dignidade vera habita em quem,  
Na silente hora da circunspecção,  
Não deixa de se suspeitar, e honrar  
Com coração humilde.

**William Wordsworth, Poemas escolhidos**